

Editorial

Conselho Editorial do JAAJ decide que tem lado: derrotar Bolsonaro

Depois de dois anos realizando reunião on-line, o *Jornal Abaixo-Assinado* (JAAJ) fez sua primeira reunião presencial no dia 21 de maio, na comunidade Vila Autódromo. Um encontro que teve a singela participação de 10 conselheiros, (tendo ainda mais dois membros online), com debate fundamental sobre o papel do jornal nas eleições de 2022.

Fomos acolhidos carinhosamente na Vila Autódromo pela Dona Penha e o Luiz Claudio.

Os participantes realizaram uma análise da conjuntura nacional e sobre a importância de derrotar Bolsonaro e seus aliados. Nosso coletivo constatou que vivemos em um caldeirão político, num momento delicado e preocupante no estado do Rio de Janeiro e no Brasil, sem contar a situação mundial com a guerra na Ucrânia, a explosão da miséria e da fome e a pandemia.

As eleições de 2022 já estão na rua, e a nossa decisão é que a defesa da democracia é nosso bem maior, que nossas páginas e mídias não expressarão a neutralidade e que temos que derrotar nas urnas o projeto político autoritário e golpista da extrema direita, do Centrão e dos bolsonaristas. Enfim, temos um lado. E este lado é de apoio à eleição do presidente Lula e de Marcelo Freixo para o governo do estado do Rio de Janeiro.

Outra importante decisão é nossa participação no Comitê Popular de Luta de Jacarepaguá — que busca agregar e unir nas ruas os movimentos sociais e os partidos de esquerda, neste ano de eleição, numa região com poder paralelo, políticos clientelistas e demagogos e de um profundo conservadorismo.

Por fim, decidimos que voltaremos, se as finanças permitirem, com o *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá* impresso e, assim, tomaremos as ruas com a distribuição dos nossos singelos milhares de exemplares.

Projeto Alphaville Recreio: para destruição da região?

Um alerta para as Vargens

Um empreendimento imobiliário (residencial/comercial), localizado entre a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes, numa área de aproximada de 4 milhões de m2, estimado em cerca de R\$ 2,3 bilhões, que atinge em cheia as Vargens.

Leia na página 3

Novos condomínios construídos invadem as Vargens

Foto: Luiz Claudio



FLORESTA EM PÉ UNIDADE DE CONSERVAÇÃO



Floresta em pé

Existe uma larga faixa de morros com fauna e flora em Jacarepaguá que não tem qualquer tipo de delimitação de uma unidade de conservação. Essa área está situada entre os limites do Parque Nacional da Tijuca e os bairros da Freguesia, Pechincha, Anil, Rio das Pedras e Muzema. Por isso, a luta da Associação de Moradores e Amigos da Freguesia e ambientalistas pela criação de uma unidade de conservação de toda essa região, antes que seja tarde demais.

Página 5

Veja o mapa, extraído do site da AMAF, da futura unidade de conservação

De 1661 até hoje: a participação do campesinato negro na Baixada de Jacarepaguá

Página 8

Conheça a história da Covanca

Página 6

Os talentos do pedaço: cantor Sérgio Lourenço, judoca Manu e piloto Dedé

Páginas 5, 7 e 8

Dicas para o Enem

Página 2



Cozinha da Tia Neli

Pavê de Amendoim "Meu Bem"

Ingredientes

Creme

500 g de amendoim torrado e moído (2 xícaras para o creme e o restante para salpicar em cima da cobertura)
400 g de manteiga

2 gemas
1 caixa de creme de leite
1 xícaras de açúcar
2 latas de leite condensado
1 colher (sopa) de baunilha
3 pacotes de biscoito maisena
3/4 de xícara de leite (para umedecer os biscoitos)

Cobertura

220 g de chocolate ao leite
1 caixa de creme de leite

Modo de Fazer

Creme

Bata a manteiga com o açúcar até obter um creme claro. Acrescente as gemas, o leite condensado, o creme de leite e a baunilha sempre mexendo. Por último misture o amendoim.



Em um refratário coloque uma camada de biscoitos umedecidos no leite (não deixe amolecer, é só umedecer), uma camada de creme outra de biscoitos até colocar a última de biscoitos, sendo que nessa os biscoitos não precisam ser molhados. Coloque a cobertura e salpique o amendoim restante. Levar a geladeira por umas 5 horas para dar consistência.

Cobertura

Misturar o chocolate ao creme de leite e ir amolecendo no forno Micro-ondas ou no banho maria até virar uma pasta mole.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

5 dicas para o Enem 22

Olá, queridos leitores, tudo bem? Na edição deste mês, trarei 5 dicas para vocês que farão o Enem e assim, arrasarem no dia da prova. Fiquem ligados nas próximas linhas!

- Dica 1 – Leia bastante atualidades. A dissertação-argumentativa é pautada em assuntos presentes na sociedade.
- Dica 2 – Traga uma tese concisa, capaz de ser sustentada durante todo o texto.
- Dica 3 – Apresente as técnicas: verbalização em 3ª pessoa (impessoalidade), uso de conectivos para atribuir coesão e domínio da Língua Portuguesa.

• Dica 4 – Fundamente os argumentos com repertórios socioculturais, por meio das demais áreas do conhecimento.

• Dica 5 – Atribua soluções concretas (propostas de intervenção) a órgãos governamentais (conheça-os bem) e à sociedade civil.

Vamos com tudo e até a próxima edição!

Acesse às minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e Redação:

@professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook)




CONFERÊNCIA LIVRE ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE E AGRICULTURA DO RIO DE JANEIRO

CONSTRUÍDA COLETIVAMENTE PELA SOCIEDADE



TEATRO OSCAR NIEMEYER, NITERÓI - RJ

25 DE JUNHO DE 2022 - 8H30 ÀS 18H

INSCRIÇÕES GRATUITAS



TINY.CC/CONFERENCIACLEMAARJ
FACEBOOK.COM/CLEMAARJ
CLEMAARJ@GMAIL.COM
















05 de junho
dia mundial
do meio ambiente

do ponto de vista do planeta
não existe jogar lixo fora
porque não existe "fora"



EXPEDIENTE

JORNAL **ABAIXO**
ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabra), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

No dia 27 de maio comemoramos o Dia da Mata Atlântica. Entretanto, e segundo os dados da edição do Atlas da Mata Atlântica, da Fundação SOS Mata Atlântica, lançado no dia 25 de maio, entre 2020 e 2021, o desmatamento do bioma aumentou 66% na comparação com 2019. E muito nos preocupa o comunicado divulgado pela empresa Alphaville S.A.:

"...empreendimento imobiliário de natureza residencial e/ou mista na zona oeste do Rio de Janeiro/RJ, localizado entre a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes. O empreendimento como um todo compreenderá uma área total aproximada de 4 milhões de m2, com um valor geral de vendas parte

Alphaville (VGV % AVLL) total estimado nessa data em R\$ 2,3 bilhões. O empreendimento prevê o desenvolvimento de mais de 2.700 lotes residenciais, além de áreas específicas para incorporação vertical, comércios e serviços, que será feita de forma faseada e sujeito à aprovação nos órgãos competentes.

(GUILHERME DE PUPPI E SILVA, DIRETOR FINANCEIRO E DE RELAÇÕES COM INVESTIDORES DA ALPHAVILLE S.A., SÃO PAULO, 15 de setembro de 2021)."

Poderíamos encerrar essa matéria logo após este comunicado, pois se tal informação for aprovada pelos órgãos competentes, já podemos avaliar a tragédia que se anuncia, a qual, com certeza, irá acontecer. Não é segredo para ninguém que comunidades pobres estão sendo esmagadas pela especulação imobiliária que vem avançando nessa região. No mapa do empreendimento "Alphaville Recreio", podemos verificar facilmente no gráfico, em amarelo: favelas, as comunidades pobres que estão no entorno desse projeto como: Canal do Cortado, Fontella, Palmares e Santa Luzia. Alguém tem alguma dúvida de



Projeto Alphaville Recreio: para destruição da região

que essas comunidades sofrerão ameaças de despejos?

Pontuo aqui também questões ambientais que poderão ser afetadas com um projeto dessa magnitude — os rios, as áreas verdes da Mata Atlântica, que com certeza serão ainda mais destruídas, os animais, entre outros elementos da natureza.

Vamos imaginar que, mesmo com a realização desse projeto monstruoso para o ecossistema da região, as comunidades venham a permanecer. De qualquer modo, elas estariam à mercê de um desastre de grandes proporções, pois os alagamentos, que já ocorrem na região quando há temporais, em virtude das construções imobiliárias que invadem as Vargens, sem qualquer preocupação com as comunidades, aumentariam. Isso vem acontecendo em razão dos aterramentos nas obras de terraplenagem dos grandes empreendimentos imobiliários, o que faz com que as águas sejam direcionadas para áreas baixas da região, onde estão as comunidades. Muitas casas de famílias pobres são alagadas nas fortes chuvas e ficam na dependência da força tarefa da Prefeitura, que nem sempre tem estrutura para auxiliar.



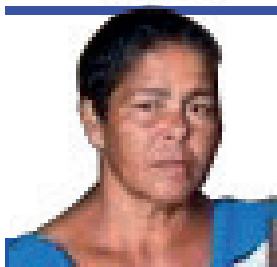
Comunidade em Vargem Grande alagada com as fortes chuvas



O meio ambiente das Vargens perdendo para os prédios



Novos condomínios construídos invadem as Vargens



Jane Nascimento*

Transportes públicos da Zona Oeste do Rio de Janeiro causam desordens na vida dos passageiros

A Zona Oeste luta por um transporte de melhor qualidade. O Pan-americano e as Olimpíadas chegaram com promessas de melhorias nos meios de transportes. No Rio de Janeiro foi modificado o sistema tradicional de ônibus, e passou a vigorar os BRTs. Tudo isso aconteceu num piscar de olhos.

O sonho de uma sociedade que acreditou que teria respeitado o direito de locomoção não se realizou. Se locomover para a escola, para o trabalho, enfim, para os compromissos do dia a dia se tornou um sofrimento sem fim. As pessoas ficam constrangidas porque não conseguem cumprir o horário de chegada em seus locais de trabalho. Perdem diárias, ou têm descontos no salário, ou são dispensadas do emprego.

Cada vez mais os ônibus estão se deteriorando por falta de manutenção. Quando chove, há goteiras dentro de muitos deles. E nos finais de semana e feriados a frota diminui, mas o povo não é avisado a respeito disso.

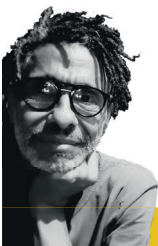
Em contrapartida, os empregadores não podem ficar no prejuízo. E, assim, quem perde são as trabalhadoras e os trabalhadores.

A quantidade de veículos atual não atende a todos os passageiros, e muitos têm que esperar bastante para que possam, enfim, embarcar em um ônibus. Em casa, os parentes aguardam a chegada dos parentes sem a certeza se terão condições de entrar no ônibus.

Muitos acidentes ocorrem porque viajam "pendurados" nos transportes, arriscando a vida. E quase sempre a culpa recai sobre o motorista, que deixou a porta aberta. Tudo isso é irresponsabilidade de um sistema de governo que só tem ideologias capitalistas. Quem não segue essa linha, tem que ficar fora do sistema. E, mais uma vez, quem paga o preço é o povo.



Dona Jane está debaixo do guarda-chuva que tinha goteiras dentro do ônibus da linha 810



Crônica de Pablo das Oliveiras

Do micro-ondas à câmara de gás

Será um exagero dizer que conjugamos o verbo matar, naturalizando os significados desta ação? Ao dizemos: *matar a fome; matar a sede; matar o tempo; matar a curiosidade; matar aula...*, de certo, falamos no sentido figurado da linguagem. O mesmo não acontece quando se avistam atos de mortes violentas; morte como fato, que vai além de eliminação de indivíduos, que trazem pesares e transtornos às famílias e à sociedade, à medida que se tornam recorrentes.

Atentados contra a vida acontecem para todas as idades e classes sociais, porém a morte por extermínio individual ou coletivo persegue os segmentos historicamente em risco socioeconômico, como indígenas, homens jovens pretos, mulheres e pessoas com identidade LGBT-

QIA+. Os casos que ganham publicidade causam indignação e repercussão social, por um tempo, depois seguem recobertos por espanto e comoção por novas mortes violentas.

No esgarçamento das leis “institui-se” a prática da impunidade como prêmio aos exterminadores, que agem ligados às forças militares e/ou paramilitares. Decretos presidenciais, como o de 2019, facilitam o acesso às armas e às munições sem transparência para os procedimentos de controle. Antes, o “micro-ondas”; agora, a câmara de gás. Pelas redes sociais, vemos agentes da Polícia Rodoviária Federal executarem por asfixia o motoqueiro Genivaldo de Jesus Santos, 38 anos, dentro da própria viatura com uma bomba de gás lacrimogêneo, na BR-101, Sergipe. Quais as ações do Judiciário diante de tantas injustiças?

Há muito tempo convivemos com situações análogas



Foto: Brasil de Fato

Câmara de gás dentro da viatura da PRF tortura e mata Genivaldo Genivaldo de Jesus Santos em Sergipe. Um método nazista utilizado pelos agentes da PRF

à guerra, e as populações das periferias dos centros de poder econômico são eleitas como alvos inimigos. Este é o carrossel que o atual presidente e candidato à reeleição tem como política pública de governo. Até quando?



Almir Paulo

Ditadura nunca mais! Fora Bolsonaro! Lula sim!

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo”
Angela Davis

A realidade brasileira é perversa. Cerca de 30 milhões de brasileiros e brasileiras, segundo o IBGE, passam fome. Cresceu o número de famílias que dormem nas calçadas das grandes e médias cidades. 12 milhões estão literal-

mente desempregados. Inflação aguda encarece o custo de vida. Uma política econômica que sacrifica o povo brasileiro a favor do capital.

Para favorecer os bancos e financeiras, a Câmara dos Deputados deu aval, no dia 1º de junho, para que bancos e instituições financeiras possam penhorar o único imóvel de uma família para quitar dívidas. A medida faz parte do **Projeto de Lei (PL) 4188/2021**, de autoria do governo de Jair Bolsonaro (PL), que cria o marco legal das garantias de empréstimos e altera Lei 8.009/1990 que trata da impenhorabilidade de imóvel. Pela legislação em vigor, uma família não pode perder esse seu único bem por dívidas. Atualmente, ele só pode ser usado como garantia de financiamento do próprio imóvel e leilão em caso de inadimplência do financiamento imobiliário.

A violência cresce e assusta nas cidades. Bandidos assaltam à luz do dia. A violência policial é descabida e deplorável como vista na chacina da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, e na morte de um homem dentro de uma viatura transformada em câmara de gás, no litoral de Sergipe. Muitos territórios estão tomados pelo poder paralelo. Nunca se matou tanto ambientalistas, indígenas e lutadores dos direitos humanos no país. Vide os assassinatos covardes do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo Pereira ocorridos na Amazônia.

Soma-se a todo este cenário caótico, a intensa pregação do presidente da República contra a democracia e na defesa da ditadura militar. Frase jamais esquecida proferida pelo capitão em 2008, e repetida em 2016, “o erro da ditadura foi torturar e não matar” virou faixa de apoio ao golpe e a ditadura nas manifestações bolsonaristas. Agora diante da provável derrota na eleição

FOME?



E DAI?

de 2022, Bolsonaro mira contra as urnas eletrônicas para incitar as Forças Armadas contra a democracia. Resistir é preciso!

Os jornalões Globo, Estadão e Folha querem uma terceira via para sair da polarização entre Lula e Bolsonaro. Nós do Jornal Abaixo-Assinado lutamos para derrotar Bolsonaro e sua nefasta política econômica e ambiental. Nossa prioridade é eleger Lula no primeiro turno, no dia 2 de outubro, para construção de um governo popular que respeite a democracia e combata as desigualdades sociais e a fome no Brasil.

Tá dito!





Regina Prado
Jornalista e
militante social

Futuro orgulho da Cidade de Deus: a jovem Manu

No dia 27 de novembro de 2005, às 23h58, nasceu Maria Júlia dos Santos Antunes, a segunda de quatro filhos de uma família estável construída por Roberta e Carlos Eduardo.

Aos oito anos, seu pai levou-a para assistir a um treino de jiu-jítsu. E foi amor à primeira vista. Manu pediu ao pai para deixá-la treinar, e ele, de imediato, consentiu. Naquele momento, Maria Júlia dos Santos Antunes saiu de cena para dar vida à Manu, uma esportista iniciante, que já sonha em construir uma carreira de peso. Aliás, ela nasceu para fazer história e não para contar história.

Hoje, aos 16 anos, Manu continua treinando na TMD HOUSE AP com o professor Wallace PQD, que assim como sua família

nota 10, é seu maior incentivador. E desde 2017 tem conquistado várias premiações, incluindo sete medalhas de ouro.

O seu objetivo é repassar seu aprendizado para as crianças da comunidade e conquistar a casa própria.

Manu sonha alto. Seu sonho é a graduação em Educação Física e Gastronomia, e, sobretudo, ser campeã mundial, pois além de mostrar seu potencial anseia em provar que morador de favela tem valor e pode mudar a própria história. Por isso, ela valoriza o esforço ímpar dos pais, do seu amado professor e de Márcio de Deus, coordenador da academia.

Sua inspiração constante é Gabrielle Peçanha — a melhor do mundo no esporte.

Com todo esse empenho, faltando apenas três faixas para se tornar faixa preta, podemos esperar para aplaudir, em um futuro bem próximo: Manu, Campeã Mundial! Orgulho da Cidade de Deus!



Foto de Gildásio

Medalha de Ouro Campeonato TMD HOUSE



Foto de Luarah

Terceiro Lugar
Campeonato Rio Fall Open da CBJJ

A partir desta edição o JAAJ publicará a história de luta de uma entidade autônoma e representativa do movimento popular da Baixada de Jacarepaguá

Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande Agrovargem é para lutar

A Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (Agrovargem), criada em 12 de dezembro de 2007, é um instrumento importante de luta, organização e conquistas para os agricultores do Maciço da Pedra Branca, e ela também se dedica à defesa dos territórios agrícolas no município do Rio de Janeiro.

Em 2008, a Agrovargem obteve representação no Conselho Consultivo do Parque Estadual da Pedra Branca. Este fórum, com a participação de representantes da Associação, teve protagonismo no processo de reconhecimento do Quilombo Vargem, ocorrido em agosto de 2014. Um marco histórico da luta nas Vargens.

A Agrovargem participa ativamente da defesa da agroecologia na cidade e no país. Desde 2010, ela passou a ser uma das organizações que compõem a Rede Carioca de Agricultura Urbana e a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. No período de 2014-2015, o seu diretor Francisco Caldeira presidiu o Consea-Rio, fórum que intensificou o acesso dos agricultores do município às políticas de agricultura familiar e ao Pnae (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

A articulação em rede da Agrovargem permitiu que seus agricultores conquistassem, aos poucos, pontos de venda próprios e de feiras locais, deixando de entregar seus produtos para intermediários, o



Atualmente, a Agrovargem tem como diretor o agricultor Jorge Cardia, e o agricultor Francisco Caldeira é o fornecedor de bananas para a Rede Ecológica.

que possibilitou que se dedicasse exclusivamente à agricultura. A Rede Ecológica tem sido parte fundamental deste processo de organização dos agricultores de Vargem Grande e do aumento da demanda por alimentos agroecológicos entre consumidores conscientes no bairro.

A Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande também tem uma parceria com o CEM (Centro de Estudos Multiculturais), fornecendo jaca, banana, caqui e Plantas Alimentícias Não Convenicionais (Pancs), que são processados e abastecem a Rede Ecológica.

Enfim, a Agrovargem é para lutar!

Pela floresta em pé!

Um movimento interessante começa a surgir em Jacarepaguá. É a luta pela criação de uma nova área de Preservação Permanente no bairro.

A cidade do Rio de Janeiro é marcada por sua beleza, em grande parte por causa dos seus morros com floresta. No entanto, existe uma larga faixa de morros florestados em Jacarepaguá que não tem em si qualquer tipo de delimitação de uma unidade de conservação.

Essa área está situada entre os limites do Parque Nacional da Tijuca (este bem protegido) e os limites urbanos (bairros da

Freguesia, Pechincha, Anil, Rio das Pedras e Muzema), e sofre frequentes avanços de desmatamento — dos incêndios à expansão do mercado imobiliário.

Por isso, a luta para que uma unidade de conservação da natureza seja criada em toda essa região, antes que seja tarde demais.

Assine a petição digitando no navegador de Internet: <https://bit.ly/FlorestaemPeJPA>

#FlorestaemPeJPA #Jacarepaguá #Preservar #PreservaçãoAmbiental #Sustentabilidade #DiaMundialdoMeioAmbiente



AMAF lança campanha e indaga: por que o Grajaú tem um Parque Florestal e Jacarepaguá não, se a floresta é a mesma?

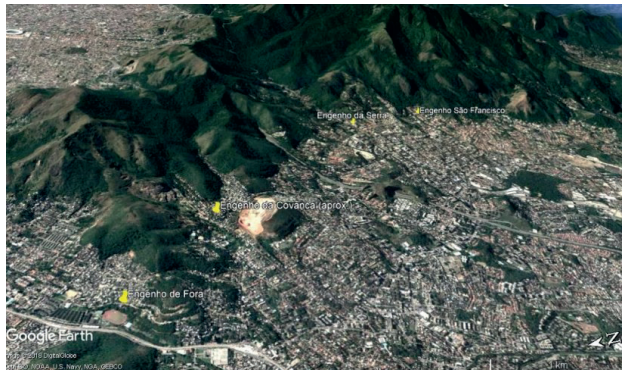
A Covanca e a Inquisição

Marcelo Sant' Ana Lemos*

O que significa a palavra “covanca”? Uma pequena área de terra cercada de morros ou colinas, com acesso somente por um lado, que fica frequentemente no final de um vale.

Essa palavra, de origem portuguesa, denomina diversas localidades, em vários municípios brasileiros, inclusive aqui em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

No nosso bairro essa denominação apareceu inicialmente na documentação do século XVII, por volta de 1651, quando foi construído o engenho da Covanca, que funcionou no mínimo até 1710, conforme investigações do falecido geógrafo Maurício de Abreu¹. Pelo mapa abaixo feito por Sílvia Peixoto², podemos ver porque o engenho recebeu esse nome, pois ficava situado exatamente numa área que remete a definição do termo “covanca”!



No mapa do Google Earth a arqueóloga Sílvia Peixoto plotou, em amarelo, alguns dos 13 engenhos que localizou na baixada de Jacarepaguá, desde o século XVII, entre eles o Engenho de Covanca, de Fora, da Serra e de São Francisco.

O rio que nasce na Serra de Ignácio Dias e percorre a Covanca também recebeu este nome e suas águas foram captadas para mover os mecanismos do engenho. As águas do rio Covanca também ajudaram no abastecimento de antigas freguesias da cidade do Rio de Janeiro, durante o século XIX.

O Engenho da Covanca era propriedade de Antonio de Barros e de sua mulher Dona Brites de Lucena, naturais e moradores do Rio de Janeiro. Ambos eram cristãos-novos (judeus ou mulçumanos que se converteram ao cristianismo, em sua maioria de maneira forçada, para não serem perseguidos em Portugal, ganharam esse apelido) e, portanto, sobre constante vigilância do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição Portuguesa foi estabelecida em 1536), que mantinha no Brasil Colônia os seus “familiares”, isto é, funcionários da Inquisição escolhidos entre os cristãos-

-velhos da população, incumbidos de espionagem constante sobre os cristãos-novos.

Antonio de Barros era advogado, formado na Universidade de Coimbra (1657), senhor de engenho, e foi eleito para a Câmara dos Vereadores, em diversas ocasiões: 1673, 1674, 1676. Ele participou da chamada “Revolta da Cachaça”, de 1660, contra os poderes excessivos e abusivos da dinastia dos Sá, que governavam a cidade desde sua fundação, através de diversos membros da família e de aliados, impondo vexações, adquirindo mais poderes, cargos, terras, privilégios particulares.

Naquele ano o clima tinha ficado mais tenso com a tentativa do governador Salvador Correa de Sá e Benevides de tributar os contribuintes para poder elevar o número de soldados que serviam nos fortes fluminenses. Além disso a instauração da Companhia Geral do Comércio, acabou provocando crises de abastecimento de produtos na cidade e ela era protegida pelo governador. Assim se instalou uma verdadeira insurreição popular que agregou forças tão diferentes como senhores de engenho, lavradores independentes, oficiais mecânicos, mercadores, indígenas, etc, que afastaram o governador interino, depôs também quem se opusesse aos revoltosos dentro da Câmara e impediu o retorno de Salvador de Sá a cidade enquanto durou o movimento, que só foi derrotado no ano seguinte (1661).

Ele, sua mulher Brites de Lucena, seu filho Sebastião de Lucena Montarroyo e esposa deste foram perseguidos e penitenciados por ocasião das Visitações do Santo Ofício no Rio de Janeiro, em diferentes ocasiões. Ele já era falecido quando, em 1713, sua mulher foi presa e posteriormente sentenciada pelo crime de judaísmo, com pena de cárcere e hábito penitencial perpétuo – o sambenito (uma peça de vestuário vexatória usada para punir os que pecavam perante a Inquisição). O filho também foi preso, em 1714, e condenado com cárcere e hábito penitencial perpétuo, em 1717. Em ambos os casos ocorreram o confisco de bens. O filho recebeu posteriormente licença para voltar ao Rio de Janeiro com a esposa Ana Sodré Pereira.

Com isso o engenho da Covanca acabou sendo abalado por essas instabilidades políticas que envolveram toda família, pois entre as medidas repressivas da Inquisição se incluía o confisco da propriedade e de seus escravizados. Assim ocorreu uma descontinuidade no seu funcionamento e por conta desses episódios a fazenda passou para a ser propriedade de outras famílias, mas continuou

funcionando como um empreendimento agrícola por um longo período.

Com o nome de Fazenda da Covanca, ela aparece em diversos anúncios de jornais, do século XIX, onde se registra a presença de lavradores e donos de partidos de cana (plantadores de cana que vendiam sua produção para um engenho) na região.

Na segunda metade do século XIX o abastecimento de água passa a ser um problema cada vez mais gritante e por isso o governo imperial tenta ampliar cada vez mais a captação de águas para o abastecimento da população. Por conta disso o Rio Covanca vai ter suas águas captadas para abastecimento de moradores da estrada de Santa Cruz (uma parte hoje é a Rua Intendente Magalhães) entre Campinho e Campo Grande, colocando encanamentos no seu leito, em 1881, ano que houve uma grande seca no Rio de Janeiro.

Posteriormente as terras próximas as nascentes do rio Covanca, que pertenciam ao Dr. Joaquim José Siqueira e sua esposa (que correspondiam a uma parte do antigo Engenho da Covanca, do século XVII) foram compradas pelo governo federal, através do decreto nº 1928, de 27 de dezembro de 1894, com objetivo de proteger os mananciais e ampliar a capacidade de abastecimento de água da cidade.

Decreto n. 1928 de 27 de dezembro de 1894

Pagamento de terras e águas do rio Covanca adquiridos ao Dr. Joaquim Jose de Siqueira e sua mulher

	CAPITAL FEDERAL		TOTAL
Compra de terras e águas do rio Covanca.....	87:1000000		87:1000000

O pagamento das terras da Covanca continuou aparecendo no balanço do governo durante muitos anos. Balanço da Receita e Despesa do Império (RJ) - 1859 a 1891- Edição 001, ano 1900. Fonte: FBN/Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Link: <http://memoria.bn.br/DocReader/066974/14485>

Hoje a Covanca é uma localidade que a Prefeitura não tem dado atenção necessária para que seja revitalizada, principalmente os moradores do Morro da Covanca.

*Historiador

¹ Abreu, Maurício. Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700). Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial e Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, 2010, volume 2.

² Peixoto, Sílvia Alves. JACAREPAGUÁ, A “PLANÍCIE DOS MUITOS ENGENHOS”: uma arqueologia do sertão carioca, Rio de Janeiro, século XVII ao XIX. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de Doutor em Arqueologia, 2019.

DIGA NÃO
À VIOLÊNCIA CONTRA A
PESSOA IDOSA

DIA MUNDIAL DA CONSCIENTIZAÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA
15 DE JUNHO

DENUNCIE! DISQUE 100

Ato por Justiça
para Bruno, Dom e Maxciel

23 junho **12** horas

Buraco do Lume
Praça Mário Lago - Centro
(próximo ao metrô Carioca)

A vida dos servidores da Funai e indigenistas importa!

Sindisep-RJ

22/06

PASSEATA AO PALÁCIO GUANABARA
9H30 - CONCENTRAÇÃO NO LARGO DO MACHADO E INÍCIO DA PASSEATA ÀS 11H

GREVE DE 24H

- REAJUSTE E CUMPRIMENTO DOS PISOS SALARIAIS
- 1/3 EXTRA-CLASSE JÁ!
- PAGAMENTO DO NOVA ESCOLA
- MIGRAÇÃO PARA 30H E
- CONVOCAÇÃO DOS CONCURSADOS, JÁ!

CLÁUDIO CASTRO, O SERVIDOR QUER RESPEITO!

Canal direto com o JAAJ

O Jornal Abaixo-Assinado agora conta com um canal direto com você!

Adicione o nosso número e nos mande um alô para receber nossas mensagens.

Além disso, você pode mandar fotos, sugestões e ocorrências para o nosso Jornal!

Nosso número:
(21) 97143-4821



Cíntia
Travassos
Produtora

Sérgio Lourenço canta na Adega Bosque da Praça



Cantor José Lourenço esbanjando alegria e divertindo o seu público



José Lourenço um cantor versátil e carismático

O cantor, compositor e produtor Sérgio Lourenço é natural do Rio de Janeiro, criado em Irajá, e atualmente mora em Cascadura. O seu interesse pela música nasceu quando tinha entre 7 e 8 anos, época em que ficava entre as pernas de seu pai vendo-o tocar violão. Aos 17 anos começou a tocar também violão e, logo depois, formou um conjunto e está até hoje na música. Com o tempo, ele foi se especializando em outros instrumentos como guitarra, banjo, cavaquinho e teclado.

O seu maior sonho é ter plena saúde e continuar alegrando os idosos com sua música, o que ele já faz há 40 anos, aproximadamente.

Na pandemia teve que se reinventar, como a maioria dos artistas, e lançou um projeto on-line no Youtube, o programa "Mais", e realizou várias lives. Lourenço produz alguns shows por intermédio da sua produtora SL Produções e Eventos.

De 1981 a 1994, ele tocou cavaco no sambódromo do Rio de Janeiro pela Escola de Samba Império Serrano. Viajou fazen-

do shows na África, Angola, com Martinho Antônio, filho do mestre Martinho da Vila.

Sérgio Lourenço é um artista versátil, que canta e toca em bares, restaurantes, festas, cujo repertório está voltado para todas as idades, "passeando" pelo samba, MPB e pagode.

Ele tem um projeto chamado Seresta Show do Sérgio Lourenço, há 10 anos, que acontece todos os sábados, das 16 às 20h, na Pizzaria, Churrascaria e Adega Bosque da Praça. Todos os leitores e leitoras do *Jornal Abaixo-Assinado* estão convidados.

Meio Ambiente & Turismo

Carla Scott - Ecologista



Jongo Eleda se apresenta no parque Pinto Teles

No último dia 15 de maio, o Grupo Afrocul- tural Jongo Eledá se apresentou na Roda de Samba Sonho de Crioula, no Parque Natural Municipal Pinto Teles, no Campinho. O Grupo é um Jongo familiar, oriundo do bairro Boca do Mato, em Barra do Piraí, e atualmente está situado em Vila Valqueire.

O evento contou com uma animada roda de samba, composta apenas por mulheres, além de feirinha de artesanato, comidas tradicionais e típicas como acarajé, tapioca, vatapá, e proporcionou momentos de muita descontração e alegria na tarde de domingo. As rodas de samba são espaços de divulgação da cultura popular, e o grupo abrilhantou a festividade com sua apresentação, trazendo para a roda de jongo os participantes.

Conhecido também como caxambu e corimá, o jongo é uma dança de origem africana, dançada ao som de tambores, com passos ritmados e cantos que expressam uma trajetória de resistência. Integrante da cultura afro-brasileira, o ritmo foi trazido ao Brasil por negros bantos, sequestrados para serem vendidos como escravos nos antigos reinos



Show das Mulheres do Grupo Jongo Eleda

de Ndongo e do Congo, região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola. A dança teve forte influência na formação do samba carioca e também na cultura popular do Brasil como um todo.

Para o desenvolvimento da dança, os pés são sempre descalços e as roupas são as do cotidiano. Assim, cada casal, um de cada vez, vai ao centro da roda girando em sentido contrário ao do relógio, se aproximando de quando em quando e fazendo a menção de uma umbigada.

Em virtude da sua importância histórica, em 2005 o jongo foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



Apresentação maravilhosa do grupo



O encanto das Mulheres Grupo Jongo Eleda



O vento

Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária
Instagram: @claudia_scott1

"Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido." Fernando Pessoa

Descobri esse verso de Fernando Pessoa esta semana. Na realidade, ele o assinou como Alberto Caeiro — um de seus heterônimos.

Fernando Pessoa assinava muitas de suas obras com nomes que ele mesmo inventava. Eram como se fossem máscaras que abrigavam e protegiam o próprio autor.

Fiquei pensando quantas vezes a gente fica se abrigando atrás de comportamentos, atitudes e máscaras que agradam mais aos outros do que a nós mesmos? Talvez pela simples falta de coragem em sermos tudo o que somos.

Concordo que:

Só de ver o nascer do Sol
Só de sentir a chuva na pele
Só de ouvir passar o vento
Já vale a pena ter nascido.

Mas o que vamos deixar de legado nesse mundo, só vamos fazê-lo, em sua plenitude, se tivermos a coragem de sermos tudo o que somos; e a generosidade de exercermos todos os dons que trouxemos conosco.

Eu desejo, de verdade, que cada um de nós deixe um legado. E não apenas pegadas.





A participação do campesinato negro na Baixada de Jacarepaguá

Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

Segundo o Censo de 2010, a Área de Planejamento 4, que engloba os bairros da Baixada de Jacarepaguá, possui 909.368 habitantes, sendo 527.309 brancos, 81.118 pretos, 5.925 amarelos, 293.961 pardos, 1.010 indígenas e 45 não declarados. Chama a atenção a grande quantidade de indivíduos negros e pardos na composição da população da AP 4, o que remete ao passado colonial e imperial dessa região.

Freguesias	Engenhos	Fogos (casas)	População total	Pop. Livre	Pop. Escrava
Campo Grande	14	357	3.566	1.562 - 43,8%	2.004 - 56,2%
Jacarepaguá	8	249	2.283	987 - 43,2%	1.296 - 56,7%
Guaratiba	5	324	3.019	1.338 - 44,3%	1.681 - 55,6%
Total	27	930	8.868	3.887 - 43,8%	4.981 - 56,1%

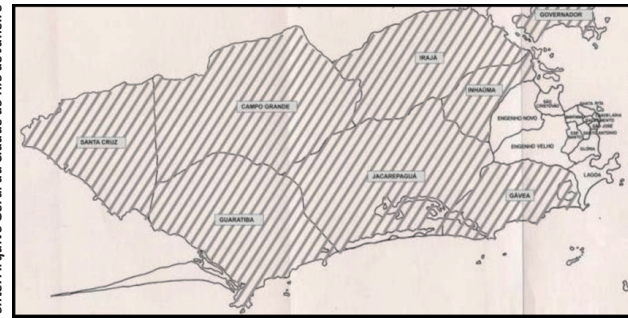
Em fins do século XVII e início do XVIII, diversas freguesias rurais foram surgindo na Capitania do Rio de Janeiro, a saber: Santo Antônio de Jacutinga, N. S.ª da Piedade de Iguaçu, N. S.ª do Desterro de Campo Grande, N. S.ª da Conceição de Marapicú, São Francisco Xavier de Itaguaí, São Salvador do Mundo de Guaratiba e N. S.ª do Loreto de Jacarepaguá. Posteriormente, essas freguesias foram agrupadas no Distrito de Guaratiba. As informações presentes na tabela acima mostram a estrutura po-

pulacional de uma parte desse distrito no ano de 1797 e foram apresentadas no artigo "A Zona Oeste colonial e os mapas de população de 1797: algumas considerações sobre lavradores partidistas e produção agrária de Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba no século XVIII", do historiador Victor Luiz Alvares Oliveira.

A Freguesia de N. S.ª do Loreto de Jacarepaguá, fundada em 6 de março de 1661, sempre contou com um grande número de escravizados, devido aos engenhos de açúcar instalados na região. No recenseamento de 1838, feito a mando do Ministro da Justiça Bernardo Pereira de Vasconcelos, Jacarepaguá totalizava 7.302 habitantes, dos quais 4.491 eram cativos, sendo a freguesia que possuía a maior população escravizada no município da corte.

Apesar da maior parte dos trabalhadores rurais da região serem indivíduos escravizados, existiram outras relações de trabalho na Baixada de Jacarepaguá que são pouco conhecidas pelo grande público. Uma delas está baseada em um sistema conhecido como "partido". Nele, o lavrador entrava com o cultivo e a mão de obra, enquanto o senhor de engenho fornecia a terra e o processamento da cana-de-açúcar. Deste modo, o "partido de cana" ficava ligado a um beneficiamento de açúcar do qual ele não poderia se desvincular facilmente, ou seja, o camponês era obrigado a levar a sua matéria-prima para o engenho do senhor que lhe cedia a terra. Segundo o Mapa

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Mapa das freguesias rurais do Rio de Janeiro

de População do Distrito de Guaratiba, em 1797 a Freguesia de Jacarepaguá contava com 78 famílias partidistas.

Uma outra forma de pequenos lavradores negros acessarem porções de terras foi através da doação. Deve-se lembrar que a Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, a popular "Lei de Terras", estabeleceu que as propriedades só poderiam ser adquiridas por compra e venda ou por doação do Estado. Apesar da limitação legal, os monges beneditinos concederam lotes de terras a negros e negras escravizados que decidissem casar-se. Era também comum a prática de fazendeiros de café da região cederem lotes de terras para indivíduos escravizados e alforriados, pois desejavam evitar as revoltas de cativos africanos e seus descendentes nas suas propriedades.

É relevante salientar que nos séculos XVIII e XIX a estrutura da sociedade colonial estava baseada em critérios étnico-raciais. Na prática isto representou uma posição social privilegiada dos indivíduos brancos em relação aos negros, indígenas e pardos. Por isso, torna-se extremamente importante resgatar as participações desses grupos marginalizados dentro do conjunto da antiga população rural da Baixada de Jacarepaguá.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Renato Dória - Historiador

Membro do IHBAJA lança artigo em Revista Acadêmica da UERJ

O professor Júlio Dória lançou um artigo acadêmico na Revista TransVersos de História. A TransVersos é uma publicação quadrimestral do Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDES/2001), vinculada ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, espelha a plataforma ética sobre a qual devem estar assentadas as pesquisas históricas de

intervenção no social. O artigo, intitulado "O ruralismo na Baixada de Jacarepaguá: a intervenção intelectual na agricultura de subsistência do Sertão Carioca", mostra o impacto das alterações socioeconômicas ocorridas no Brasil na virada do século XIX e início do XX, endossadas pelos governos republicanos no pós-abolição em áreas rurais da cidade do Rio de Janeiro, principalmente no atual bairro de Vargem Grande. Confira o texto no link

a seguir: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/64074/42103>

Quer conhecer mais sobre a História de Jacarepaguá? Acompanhe as redes sociais do IHBAJA.

- Facebook: <https://www.facebook.com/ihbaja/>
- Instagram: @ihbaja
- Blog: <http://ihbaja.blogspot.com/>

Fazendo história em alta velocidade JAAJ apoia piloto de kart

Recordamos sempre a época de ouro do automobilismo brasileiro na Fórmula 1 com nossos pilotos campeões Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna. Qualquer jovem sonhava em pilotar, em ser um Senna.

Carlos André Santiago, conhecido como Dedé, cultivou este sonho durante muito tempo. E hoje, aos 47 anos, ele o realizou, ao ser tornar piloto de kart. O "menino" é atrevido e adora pisar fundo no acelerador.

"Quando o piloto Dedé nos procurou para apoiá-lo no campeonato carioca de Kart fazendo os adesivos para fixação no seu capacete, visando divulgar o jornal, não pensei duas vezes e aceitei imediatamente. Dedé viu o esboço do *Jornal Abaixo-Assinado* nascer dentro de sua casa na Taquara no final dos anos 1980, e até hoje é leitor do nosso periódico", frisa Almir Paulo, coordenador do JAAJ.

Nosso piloto Dedé está inscrito em 2022 em duas competições simultâneas: os campeonatos carioca e o brasileiro de kart. Nas etapas disputadas em maio e junho obteve ótimas colocações, subindo ao pódio em segundo lugar nas duas ocasiões.

Nossa torcida no kart é toda para Carlos André, o Dedé!

Carlos André, piloto apoiado pelo *Jornal Abaixo-Assinado*, subiu ao pódio em segundo lugar na etapa do campeonato carioca de kart realizada no domingo - dia 29 de maio

